

Monneyron, F. (2007) *A moda e seus desafios*: 50 questões fundamentais. São Paulo: Editora Senac São Paulo.

Seeling, C. (2012). *Fashion, 150 years*: Couturiers, Designers, Labels. Potsdam: H. F. Ullmann.

Vieira, T. & Monteiro, G. (2010). *Linguagem do produto*. Rio de Janeiro. SENAI CETIQT.

Vincent-Ricard, F. (1989) *As espirais da Moda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Abstract: A reflection on the historical evolution of the role of designers of clothes to understand the limit between inspiration and copy for fashion design teaching. The awareness of the value of the product authorship and its various possibilities considering the visual references used in the creative process and the way of employing them seeking an unprecedented result that pleases the consumers and does not characterize a copy.

Keywords: Fashion Design - Copy - Redesign - Authorship - Fashion History - Alta Costura - Fast Fashion - Proceso Creativo.

Resumen: Una reflexión sobre la evolución histórica del papel de los que diseñan las colecciones de ropa con objetivo de comprender el límite entre la inspiración y la copia para la enseñanza del diseño de moda. El conocimiento del valor del autor del producto y sus diversas posibilidades teniendo en cuenta las referencias visuales utilizadas en el proceso creativo y cómo emplearlas en busca de un resultado original que agrade a los consumidores y no caracterice copia.

Palabras clave: Diseño de Moda - Copia - Rediseño - Autor - Historia de la Moda - High Fashion - Fast Fashion - Creative Process.

(*) **Gisela Pinheiro Monteiro**, MSc, (gisela.gisdesign@gmail.com). Doutoranda e Mestre em Design pelo PPD-ESDI/UERJ, Graduada em design pela Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ. Atualmente professora na Graduação em Design de Moda e Design de Superfícies no SENAI/CETIQT. Desempenha atividades profissionais como designer gráfica e designer de moda. **Thais Vieira**, DSc (contato@thaisvieira.com.br). Designer. Doutora em Engenharia de Produção pela COPPE/UFRRJ, Mestre e Graduada em Design pela ESDI/UERJ. Atualmente professora da Graduação em Design de Moda e na Pós Graduação em Design de Serviços na UNICARIOCA. Desempenha atividade profissional como designer gráfica e fotógrafa. **Priscila Andrade**, MSs, (priscila.a.andrade@gmail.com) é Doutoranda e Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Especialista em História da Arte e Arquitetura do Brasil pela PUC-Rio, Bacharel em Desenho Industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI e Bacharel em Moda pela Universidade Veiga de Almeida – UVA. Atualmente, ministra a disciplina Gráfica e colaboradora em Projeto de Moda e Projeto de Comunicação Visual, na PUC-Rio. Desempenha atividades profissionais como designer gráfica e designer de moda. **Sérgio Sudsilowsky**, MSc, é Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é professor de Projeto de Design de Moda na Universidade Veiga de Almeida (sergio.sudsy@gmail.com)

Compreensão da dimensão espacial no ensino de design de móveis

Actas de Diseño (2022, abril),
Vol. 39, pp. 254-258. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2015
Fecha de aceptación: julio 2016
Versión final: abril 2022

Cibele Haddad Taralli e Denise Dantas (*)

Resumo: A compreensão da dimensão espacial no ensino do design de móveis a partir da aplicação do conceito de aprendizagem significativa de Rogers (1997) permitiu aos alunos do curso de Design da FAU USP desenvolverem projetos de móveis centrados nas necessidades dos usuários e do habitar contemporâneo em espaços reduzidos de até 50 m². Este artigo apresenta os procedimentos didáticos aplicados na disciplina Projeto de Produto II em 2014 na forma de quatro exercícios que objetivaram tornar a dimensão espacial um elemento central no ensino do design de móveis. Os resultados obtidos enfatizam a relação importante entre design e arquitetura para a compreensão das necessidades dos usuários de móveis.

Palavras chave: Ensino – Desing – Móveis - Dimensão espacial – Aprendizagem

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 257]

Introdução

A habitação contemporânea em São Paulo passa por um processo de diminuição cada vez maior dos espaços individuais, refletindo em apartamentos cada vez menores. Essa realidade, bastante conhecida na Europa e países desenvolvidos, têm chegado cada vez mais rápido aos centros urbanos de países em desenvolvimento. Dados do Secovi-SP, Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo apresentados por Tramontano (2003) indicam uma diminuição de até 25% nas áreas dos apartamentos disponíveis na cidade de São Paulo entre 1981 e 2003. Witgen (2013) indica que pesquisa feita pela Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (Embraesp) e compilados pelo Secovi-SP “tiveram uma redução de 28% de 2007 para 2012, passando de 102,33 para 73,24 metros quadrados”. A jornalista aponta, entretanto, que essa queda ocorreu apenas nos apartamentos de um dormitório, que passaram de uma área útil média de 44,23 m² em 2007 para 39,52 m² em 2013. Nos demais apartamentos, de 2 e 3 dormitórios, a redução que se viu de 1981 a 2003 parece que se estabilizou, contando com áreas médias de 52,63 m² em 2007 para apartamentos de 2 dormitórios contra 56,51m² em 2013, um aumento real de aproximadamente 4m², e 85,35 m² em média para apartamentos de 3 dormitórios em 2007 contra 85,92 m² em 2013, permanecendo quase inalterado.

Além disso, nos últimos cinco anos dois fenômenos ocorreram em São Paulo que tiveram grande impacto no aumento de moradias de até 50 m²: o programa Minha Casa Minha Vida, patrocinado pelo Governo Federal do Brasil, e o aumento dos apartamentos supercompactos em áreas nobres dos grandes centros urbanos. Com lógicas opostas, os dois fatos, complementares, trouxeram à tona a inadequação dos móveis presentes no mercado para atender a esses novos proprietários. Os imóveis do programa Minha Casa Minha Vida são destinados à população de faixa de renda até R\$ 5.000,00 mensais, visando cobrir o déficit habitacional para um público de baixa ou média renda. Já os supercompactos, presentes em áreas nobres das cidades, apresentam-se como uma opção de moradia para a classe média alta, que atende a novos perfis de famílias, que apostam em serviços diferenciados e na proximidade de infraestrutura urbana como ponto de diferencial para a escolha de seu imóvel. A relação destas mudanças com o design de móveis e a sua inserção como dados para o projeto e a produção nem sempre é muito clara nos cursos de design de produto. Historicamente estes cursos apresentam propostas para seus alunos desenvolverem projetos a partir do próprio móvel, ou seja, o objeto é o ponto de partida para a solução. Essa prática pedagógica, oriunda do modernismo, tem raízes na história do design mundial e brasileiro, desde os cursos precursores e de referencia como da Bauhaus e ULM até a brasileira ESDI (Escola de Desenho Industrial) da UERJ e da própria FAU USP.

Do ponto de vista da produção de móveis no século XX, o Brasil conta com diversos expoentes neste segmento, tais como Sérgio Rodrigues, Jorge Zalsupin, apenas para citar alguns, que deixaram um legado para o design moderno e constituem referências projetuais para as

gerações seguintes de designers de móveis. Apresentado por Loschiavo (2015), o livro *O móvel Moderno no Brasil* traz a produção feita no país desde os anos 20 até hoje. Uma análise, mesmo que superficial da produção deste período ao redor do mundo pode indicar que a funcionalidade e a aplicação de tecnologias emergentes e novos materiais podem ser consideradas a essência dessa produção. Curcio (2009), em seu mestrado, apresenta a evolução dos padrões estético-funcionais da moradia popular brasileira, com enfoque no mobiliário popular entre 2002 e 2009. Em sua pesquisa, Curcio (2009) indica que “O projeto da habitação popular tem sido amplamente estudado e discutido no Brasil... Dá-se, no entanto, pouca atenção aos objetos que ocuparão estes espaços depois de executado” (p.18). Indica também que é imprescindível que se entenda a necessidade dos usuários desses móveis para melhorar a qualidade de seus projetos. Sinaliza para a assim a necessidade de compreensão por parte dos projetistas, das relações entre design e arquitetura, e entre móveis e demais objetos e / no espaço interno das habitações.

O ensino x o mercado x a produção

O mercado de móvel popular no Brasil cresceu muito nos últimos anos. Mesmo assim a qualidade e a adequação dos mesmos às necessidades de seus usuários não melhorou. Baseada principalmente na lógica produtiva de maior aproveitamento de materiais (Curcio, 2009), as indústrias ainda privilegiam a estética e o preço em detrimento de um melhor aproveitamento do espaço de morar. Em suas conclusões, o autor afirma que “As dificuldades em relação à falta de espaço físico e as verdadeiras necessidades a serem consideradas, constituem os principais desafios do designer voltado para este nicho social em crescente expansão” (p. 152).

Pesquisas exploratórias preliminares em lojas de móveis em São Paulo demonstraram que grande parte dos produtos oferecidos encontra-se superdimensionado, sendo incompatível com o novo patamar de metragem dos apartamentos, sejam eles para moradia popular ou supercompacta. O design do móvel partindo exclusivamente do objeto não é capaz de projetar produtos adequados a esse novo cenário e público.

No que diz respeito ao ensino de design de mobiliário, percebeu-se que a estrutura curricular dos cursos de design de produto não apresenta, geralmente, disciplinas voltadas para a compreensão e apreensão do espaço. Desse modo, estudantes de design de produto se deparam com o seguinte dilema: como pensar o produto “móvel” adequado ao espaço da moradia popular contemporânea brasileira sem a real compreensão desse espaço?

Aprendizagem significativa no ensino de projeto de mobiliário

Alunos de design, para poderem atuar no projeto de mobiliário adequado a esse contexto, necessitam dominar a dimensão espacial na qual seu produto será inserido. Para

propiciar essa “aprendizagem significativa”, quatro exercícios foram propostos aos alunos do curso de Design da FAU USP na disciplina Projeto de Produto II. Atuando de forma complementar, cada um deles visava ampliar um dos seguintes pontos: ver, perceber, compreender, atuar. O termo “aprendizagem significativa” é aqui utilizado referindo-se à teoria de Carl Rogers (1991) na qual o autor explicita ser aquela que provoca uma modificação no indivíduo, seja em seu comportamento, na orientação de suas ações futuras. Aplicado ao design entende-se como a apropriação concreta de conceitos abstratos a partir da vivência do estudante, o que o torna capaz de mudar sua atitude diante do processo projetual. Para Rogers (1991) “o único aprendizado que influencia significativamente o comportamento é o aprendizado autodescoberto, auto apropriado”. (p.254) Para o autor, “um conhecimento autodescoberto, essa verdade que foi pessoalmente apropriado e assimilado à experiência de um modo pessoal, não pode se comunicar diretamente a outra pessoa” (p.254).

No ensino de design para projetos de mobiliário, a aplicação desta realidade pode ser exemplificada na discussão e apresentação de livros e tabelas de dimensionamento de móveis e ambientes, tais quais aparecem em autores tradicionais no campo de estudos da antropometria, das dimensões e das atividades humanas, como Panero ou Neufert, entre outros. Desprovidos de qualquer relação com o aluno de design, os números ali presentes são entidades abstratas, não relacionadas com a concretude do espaço real, com sua percepção e, conseqüentemente, sua apropriação para o projeto. Não possuem, portanto, significado para eles. Pode também representar a simples aplicação de parâmetros padrão, diferentes de das características físicas e culturais quem vai usar os produtos, e distantes da realidade dimensional e construtiva dos espaços das moradias.

Os exercícios expostos a seguir procuraram permitir uma aprendizagem significativa acerca do espaço de morar e a configuração do ambiente doméstico a partir do mobiliário, de modo que os alunos passassem a ver, perceber e compreender os elementos e dimensões dos espaços domésticos para que, posteriormente, pudessem atuar nesse espaço, propondo novos móveis capazes de configurá-los mais apropriadamente para o contexto do usuário contemporâneo.

Os exercícios

O primeiro exercício consistiu na pesquisa de plantas de apartamentos em lançamento na cidade de São Paulo em 2014. Teve como objetivo aproximar os estudantes do mercado imobiliário, para a compreensão dos arranjos espaciais mais frequentes. A classe era composta por 72 alunos, divididos em grupos de 4 alunos cada. Cada aluno ficou responsável por apresentar pelo menos três plantas de lançamentos de moradias, de modo que permitisse comparação entre as diferentes propostas. Nessa etapa de levantamento algumas plantas iguais foram descartadas e privilegiaram-se para cada grupo, plantas que apresentassem variação significativa de metragem,

permitindo comparar as alterações nas soluções para apartamentos com metragens pequenas de até 50 m², e plantas de apartamentos de até quatro dormitórios.

O segundo passo do exercício foi analisar as plantas individualmente, verificando fluxos de uso, disposição de mobiliários e seu dimensionamento. Para isso, cada aluno analisou uma das três plantas, com sobreposição de papel manteiga, traçando a escala gráfica da planta e descobrindo a escala real na qual o apartamento havia sido representado. Foram identificados fluxos entre os diversos ambientes domésticos, a partir da análise de tarefas de atividades cotidianas. Cada uma das atividades foi identificada por uma cor, o que gerou um gráfico de fluxos que permitiu ao aluno compreender como aquele tipo de arranjo físico permite que os moradores vivam no espaço e usem seus móveis. A partir da escala gráfica estabelecida, os móveis foram dimensionados e também a planta do apartamento foi devidamente cotada. Nos casos nos quais as cotas principais já estavam presentes, elas foram complementadas com outras medições importantes, porém não descritas. Cabe ressaltar que a escolha pela análise de plantas de lançamentos deveu-se ao fato de que, na maioria das vezes, esse material promocional apresenta ilustrações em vista superior de sugestão de disposição de mobiliário, como forma de convencer o futuro comprador de que aquele ambiente será adequado para ele. Também trazem apenas algumas dimensões, permitindo que os alunos exercitem a compreensão de escalas de representação do espaço.

Esta análise individual foi posteriormente discutida em grupos de quatro alunos, de modo que pudessem comparar apartamentos de diferentes áreas e verificar as dimensões estabelecidas para o mobiliário e áreas de circulação e a sobreposição de atividades. Dessa comparação estabeleceram-se algumas dimensões obtidas a partir da análise de móveis e espaços de circulação presentes nessas plantas. Foram verificados os seguintes tópicos: O aumento de área dos apartamentos modifica mais quais espaços?

Quais ambientes apresentam maior ganho de área em apartamentos de 2, 3 ou 4 dormitórios?

Quais ambientes tem menos alteração de área?

Quais as atividades que mais se sobrepõem para cada um dos exemplos acima?

A terceira etapa do exercício consistiu na comparação dos dados obtidos nas fases anteriores com a vivência dos discentes em seu próprio espaço de morar. Foi solicitado a cada aluno que medisse e desenhasse a planta de sua casa com seus respectivos móveis em uma escala de 1:50. Nesse processo de medição de um espaço conhecido, dimensões e medidas que estavam sendo tratadas como informações abstratas e, portanto, não expressivas, adquiriram significado. Às plantas das casas dos alunos também foram acrescentados os fluxos e atividades, como nas plantas dos lançamentos. Ao desenhar seu próprio espaço de morar e compará-lo com as plantas analisadas anteriormente, os estudantes puderam compreender e interiorizar dimensões e necessidades dos diversos ambientes e verificar a adequação do tamanho e configuração do mobiliário proposto nas plantas e a dimensão real do mobiliário que possuem em suas casas. Esta etapa do exercício foi feita em classe, com

o acompanhamento das professoras. Diversos comentários durante a elaboração desta terceira etapa mostraram que os alunos começaram a compreender o real significado de um corredor de 60 cm ou de uma cama de 65 cm de largura ou um guarda-roupa de 45 cm de profundidade. Em diversas situações presentes no mercado, espaços propostos e móveis desenhados encontravam-se fora de escala. Quando colocados em suas dimensões mínimas corretas, tais espaços mostraram-se inapropriados para os móveis que eram sugeridos.

A última etapa desse exercício foi comparar as dimensões dos móveis de quarto e sala apresentados nas plantas de lançamento imobiliário de até 50 m² destinadas à classe C, com as dimensões de produtos existentes no mercado brasileiro para este mesmo público. Nessa comparação foram considerados os tamanhos dos móveis e sua adequação aos espaços propostos, indicando possibilidades e impossibilidades de ocupação adequada do espaço existente. Os alunos entraram em sites de lojas de móveis para verificar algumas medidas de mobiliário e comparar com os arranjos encontrados nos lançamentos. Foi possível perceber que muitos móveis existentes no mercado brasileiro estão superdimensionados para a nova realidade do mercado imobiliário. Comentários como, por exemplo: “Não dá para dormir nessa cama, pois ela é muito estreita, a minha cama tem 65 cm e já é pequena, imagine essa...”, ou então “nesse corredor só passa uma pessoa magra por vez, ele é x cm menor do que o da minha casa”... ou ainda “se colocarmos essa mesa só cabem duas pessoas mas o desenho mostra quatro lugares. Olha o desenho dos pratos: só se um ficar em cima do outro!!!”. O acompanhamento desse exercício em sala é fundamental para a compreensão do discente sobre a proposta e seus desdobramentos para que o aluno possa ver, perceber, compreender, atuar.

Após esses quatro exercícios, os alunos fizeram visitas e entrevistas com moradores de apartamentos e casas de até 50 m², complementando as informações da pesquisa anterior com as opiniões e necessidades dos usuários. Nessas entrevistas e visitas in loco buscou-se desenvolver nos alunos uma compreensão empática da situação dos usuários em suas próprias casas, “captar o mundo particular do cliente como se fosse o seu próprio mundo, mas sem nunca esquecer esse caráter de *como se*” (Rogers, 1991, p.262). Isso se torna possível no momento em que a visita e a entrevista são efetuadas posteriormente à compreensão significativa do espaço de morar, suas necessidades e suas dimensões a partir da própria vivência em sua residência. O confronto “meu x deles” permitiu aos estudantes uma melhor compreensão da situação encontrada nas residências estudadas. Desse modo, foram capazes de definir problemas reais para o desenvolvimento dos móveis multifuncionais que atendessem às demandas dos usuários.

Considerações finais

A proposta projetual da disciplina, não focada em um projeto de móvel específico, mas em um produto multifuncional para moradias de até 50m², mostrou-se adequa-

da para tornar a dimensão e as características espaciais como elementos centrais no ensino do design de móveis, além de incluir o usuário como fator centralidade do projeto. Permitiu ao aluno a compreensão de que além de estabelecer e selecionar os requisitos fundamentais para o projeto de produto torna-se igualmente importante considerar como, onde, e por quem ele será utilizado.

Esses quatro exercícios permitiram aos alunos desenvolver projetos de móveis cuja preocupação central fosse o atendimento às necessidades dos usuários e do morar contemporâneo em habitações com espaços reduzidos, evitando, assim, que o virtuosismo formal fosse o foco central do processo de projeto. A interface do design de produto com a arquitetura torna-se evidente nesse processo, que permitiu um ganho qualitativo no desempenho dos alunos e uma abordagem pedagógica distinta do que se tem visto no ensino do design de móveis em cursos de Design de Produto. A aplicação do conceito de Rogers (1991) de “aprendizagem significativa” ao ensino do design de mobiliário apresenta outra perspectiva a ser explorada na pedagogia do Design.

Referências

- Curcio, G.O.F. (2009). *2002-2009. A evolução do design nos padrões estético-funcionais da moradia popular brasileira*. São Paulo: dissertação de mestrado FAU USP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-26102010-143940/pt-br.php>
- Rogers, C.R. (1991). *Tornar-se pessoa*. (4ª. Ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Tramontano, M. (2003). *Alice no país da especulação imobiliária: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo*. *Cidades. Comunidades e Territórios*, 6, 19p. Lisboa, Portugal.
- Wiltgen, J. (2013, 4 de agosto). *Área média de imóvel novo encolhe 28% com febre de compactos*. Exame.com. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/noticias/area-media-de-imovel-novo-encolhe-28-com-febre-de-compactos> (ACESSO EM 16 DE ABRIL DE 2015).

Bibliografia

- Neufert, E. (2007). *Arte de proyectar en arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Panero, J. e Zelnik, M. (2007). *Dimensiones humanas en los espacios interiores*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Santos, M. C. L. dos (2015). *Móvel Moderno no Brasil*. São Paulo: Olhares.
- Santos, M. C. L. dos (2014). *Jorge Zalszupin – Design Moderno no Brasil*. São Paulo: Editora Olhares.

Abstract: The understanding of the spatial dimension in the teaching of furniture design, based on the application of the concept of meaningful learning by Rogers (1997), allowed the students of the Design course of FAU USP to develop furniture projects focused on the needs of users in the contemporary living in confined spaces of up to 50m². This article presents the didactic procedures applied in the subject Project of Product II in 2014 in the form of four exercises, objectifying the spatial dimension as a central element in the teaching of furniture design. The results obtained emphasize the important

relationship between design and architecture for understanding the needs of mobile users.

Keywords: Teaching - Design - Furniture - Space dimension – Learning

Resumen: La comprensión de la dimensión espacial en la enseñanza del diseño de muebles, a partir de la aplicación del concepto de aprendizaje significativo de Rogers (1991), permitió a los alumnos del curso de Diseño de FAU USP desarrollar proyectos de muebles centrados en las necesidades de los usuarios en el habitar contemporáneo en espacios reducidos de hasta 50m². Este artículo presenta los procedimientos didácticos aplicados en la materia Proyecto de Producto II en 2014 en la forma de cuatro ejercicios, objetivando la dimensión espacial como un elemento central en la enseñanza del diseño de muebles. Los resultados obtenidos enfatizan la relación importante entre el diseño y la arquitectura para la comprensión de las necesidades de los usuarios de móviles.

Palabras clave: Enseñanza – Diseño – Muebles – Dimensión espacial - Aprendizaje

(*) **Cibele Haddad Taralli**, Possui graduação em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1974), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1984) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professor doutor MS- 3 / 2 da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo e Design, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, design, projeto, desenho industrial e metodologia e processos de pesquisa, de representação em arquitetura e design, e projeto. cibele@usp.br. **Denise Dantas**, Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1986), especialização em Industrial Design pela Scuola Politecnica di Design di Milano (1990). Concluiu o mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1998) e o Doutorado na mesma instituição (2005), com pesquisas no campo do Design de produtos. Atualmente é professora em regime de dedicação exclusiva na Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em design de produtos, atuando principalmente nos seguintes temas: design centrado no usuário, design de produto, design de embalagem, materiais e design, design e economia criativa. dedantas@usp.br

Cómo gestionar proyectos de diseño editorial colaborativo

Actas de Diseño (2022, abril),
Vol. 39, pp. 258-262. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2018
Fecha de aceptación: noviembre 2019
Versión final: abril 2022

Pablo Canalicchio y Martín Valenzuela (*)

Resumen: La profesionalización de la industria editorial avanzó hacia el trabajo interdisciplinario y ya no se trata de departamentos estancos sin relación. Hoy, el profesional independiente, flexible y con múltiples habilidades es un recurso indispensable en toda organización moderna. Por eso, la gestión de proyectos de diseño y editoriales debe estar orientada a saber solucionar y acoplar las particularidades donde la tendencia no es solamente el trabajo *In Company*, sino el teletrabajo y trabajo *freelance*. En el cruce de estas dos industrias se genera un escenario que tiene aristas muy particulares: hablamos de diseño editorial colaborativo.

Palabras claves: Edición - diseño - flujos editoriales - teletrabajo - freelance - organigramas - recursos humanos - diseño colaborativo - interdisciplinario

[Resúmenes en inglés y portugués y currículum en p. 262]

Introducción

Vivimos un cambio de paradigma, con nuevos hábitos de lectura (y consumo). Este cambio tiene desde hace más de una década a toda la industria debatiendo sobre la muerte del libro en papel y la tecnología como cura de todos los males. En casi todos los congresos vinculados a la industria editorial se reflexiona sobre “el futuro del libro”, centrándose específicamente en los cambios tecnológicos, en los soportes. Pero el debate no acaba ahí.

Las formas tradicionales de gestión y procesos de trabajo van dando paso a nuevas estrategias colaborativas donde se reducen los escenarios de fricción y se optimizan tiempos, saberes y recursos con un objetivo claro: optimizar el contenido editorial en pos de un producto mejor, más sólido, y una forma de trabajo más beneficiosa para todas las partes involucradas. Ya no se trata de recursos humanos dispersos trabajando en etapas inconexas sino de un grupo unido que va hacia un objetivo común. Hablamos de trabajo colaborativo.